

A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres). Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve

■ ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO¹ ■ JOÃO LUÍS CARDOSO² ■

RESUMO Este trabalho corresponde ao desenvolvimento de um outro, recentemente publicado, sobre a estação de Cabranosa. Este último, no qual se estudou de forma sistemática, o espólio arqueológico até ao presente recolhido, permitiu considerar a existência, nos primórdios do Neolítico antigo, datado na estação pelo radiocarbono no terceiro quartel do VI milénio cal BC, de uma comunidade que, sedeadada no extremo sudoeste da Península Ibérica, praticava já um modo de vida de tendência sedentária, com a presença de animais domésticos (cabra e/ou ovelha). Esta constatação impunha a realização de um estudo mais desenvolvido na perspectiva da integração cultural da estação e do seu próprio significado, no contexto geográfico regional e supra-regional em que se insere.

O exercício comparativo efectuado permitiu concluir que a produção cerâmica (que inclui vasos cardiais produzidos localmente) se distingue, a vários títulos, das produções homólogas do Neolítico antigo do litoral alentejano e da Andaluzia ocidental, geograficamente mais próximas, face às das fases mais tardias do Neolítico cardial da Andaluzia oriental e do País Valenciano, mais longínquas. Também ao nível dos conjuntos de pedra lascada se detectaram diferenças entre o recolhido na Cabranosa e, de modo mais geral, os das estações algarvias, face à realidade conhecida das estações do litoral alentejano, na passagem do Mesolítico para o Neolítico.

Os elementos referidos afiguram-se de importância significativa na discussão dos modelos possíveis que presidiram à neolitização do litoral meridional português. No estado actual dos conhecimentos, afigura-se provável a existência simultânea de duas comunidades culturalmente distintas na referida orla litoral: uma, mesolítica, de há muito estabelecida em ecossistemas litorais, praticando uma economia de caça-pesca-recollecção; outra, já neolítica, estabelecida na faixa litoral algarvia, com uma economia já de produção (pelo menos a pastorícia e, muito provavelmente a agricultura), portadora de uma cultura material diferente. Posta nestes termos a discussão, é forçoso concluir que a génese do Neolítico no litoral algarvio (de que

ABSTRACT This work builds on earlier, recently published work on the site of Cabranosa. This earlier article, in which the available archaeological evidence was studied in a systematic way, permitted us to consider the existence, by the beginning of the Early Neolithic and radiocarbon dated to the third quarter of the 6th millennium BC, of a sedentary community with domestic animals (goat and/or sheep) in the extreme southwest of the Iberian Peninsula. This evidence stimulated a more developed study of the cultural integration of the site and its significance, in the regional and supra-regional geographic context in which it was situated. This comparative exercise allowed us to conclude that ceramic production (which includes locally produced Cardial vases) can be distinguished from the homologous products of the Early Neolithic of the Alentejo coast and eastern Andalucia, as well as the latest phases of the Cardial Neolithic of eastern Andalucia and of Valencia, further away. Furthermore, at the level of the flaked stone assemblages there were differences detected between those recovered in Cabranosa and, in general, those from others sites of the Algarve, and those sites known in the coastal Alentejo, between the Mesolithic and Neolithic.

These cultural indicators contribute to our understanding of the possible factors that presided in the neolithization of the western Portuguese coast. In the present state of knowledge, it seems likely that there existed simultaneously two distinct cultural communities in this area: one, Mesolithic, long-established in the coastal ecosystem, practicing an economy of hunting-fishing-gathering; the other, already Neolithic, established in the Algarve coast, with an economy of production (at least herding and, very likely agriculture), and a carrier of a different material culture.

Placed in these terms, we must conclude that the genesis of the Neolithic in the Algarve coast (of which Cabranosa is paradigmatic) appears to have been related to the presence of populations possibly coming from the

é paradigma a estação de Cabranosa) parece ter-se ficado a dever à presença de grupos populacionais oriundos possivelmente da costa levantina da Península, os quais teriam interagido, ulteriormente, com os já sedeados na região, designadamente os que se dispersavam ao longo do litoral alentejano. Porém, como é óbvio, a definição cultural destes dois hipotéticos grupos está longe de se poder considerar satisfatória, bem como discutível se afigura, também, a cronologia do referido processo de interacção: se, em meados do VI milénio cal BC (se se considerarem os dados cronométricos de Vale Pincel ou Medo Tojeiro), ou apenas a partir do início do V milénio cal BC (a aceitar-se somente os dados do concheiro do cabeço das Amoreiras, no baixo vale do Sado). É admissível, ainda, qualquer data intermédia, visto que o concheiro das Amoreiras se situa já numa posição periférica relativamente ao possível foco de neolitização considerado, a partir do litoral algarvio. A terminar, é feita breve alusão à emergência do fenómeno megalítico regional: na estação de Cabranosa, não se conhecem menires partilhando o espaço de ocupação neolítica, situação que concorda com os escassos indicadores cronológicos que fazer corresponder, quando muito, ao Neolítico antigo evoluído as primeiras manifestações megalíticas (menires e sepulcros proto-megalíticos).

Levantine coast of the Peninsula, which were later integrated with those already based in the region, namely those which were dispersed along the Alentejo coast.

Clearly, the cultural definition of these two possible groups is far from satisfactory, and the chronology of their interaction is debatable. It is unclear whether this interaction dates to the middle of the 6th millennium cal BC (if one considers the chronometric dates of Vale Pincel or Medo Tojeiro), or only from the beginning of the 5th millennium BC (if we only accept the dates of the shell-midden on the hill at Amoreiras, in the lower Sado valley). An intermediate date is even possible, given that the shell-midden of Amoreiras is already situated in a peripheral position, relative to the possible focus of Neolithization, from the Algarve coast. Finally, this article makes a brief reference to the emergence of a regional megalithic phenomenon.

At the site of Cabranosa, there are no known menhirs that share its Neolithic occupational space, which is consistent with the scarce chronological evidence that the first megaliths (menhirs and proto-megalithic burials) correspond to, at the earliest, to the evolved Early Neolithic.

1. Antecedentes

A estação arqueológica de Cabranosa é já clássica na bibliografia arqueológica portuguesa. A sua identificação ocorreu em 1970 durante os levantamentos geológicos da região de Vila do Bispo, pelos então Serviços Geológicos de Portugal (Fig. 1). Nessa ocasião, recolheram-se na parte inferior da vasta cobertura de areias dunares modernas que se espraiam pela região, no contacto com os depósitos consolidados avermelhados plio-quadernários subjacentes alguns fragmentos de cerâmica, inquestionavelmente pré-históricos, cuja importância, logo reconhecida, justificou a apresentação de notícia preliminar, publicada no mesmo ano (Ferreira, 1970). O espólio foi atribuído ao Neolítico antigo. Essa cronologia foi reforçada pela comparação da Cabranosa com outros conjuntos cerâmicos afins, provenientes de vários pontos do actual território português (Guilaine e Ferreira, 1970). Neste último trabalho, os materiais foram sumariamente descritos, salientando-se a presença nalguns fragmentos cerâmicos da técnica cardial.

Na época, a Cabranosa constituía um caso único no Sul de Portugal, o que motivou a manutenção do interesse de O.V. Ferreira e colaboradores pela estação. Assim, em Julho de 1975, J. Norton efectuou várias acções de prospecção e recolha de materiais na área de distribuição dos achados, tendo recolhido fragmentos decorados que se verificou pertencerem

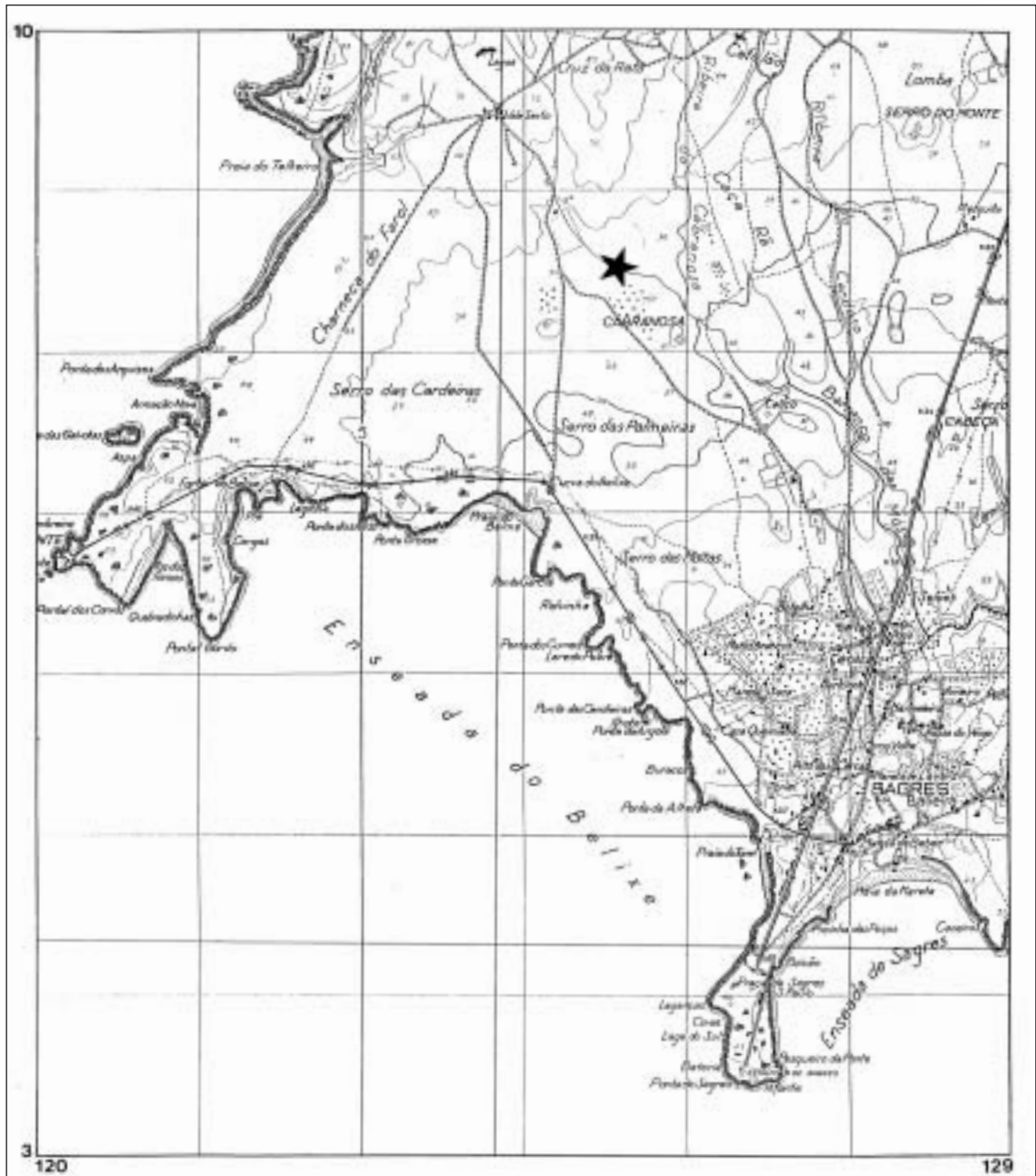


FIG. 1 – Implantação da Cabranosa na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000. Folha de Sagres (Vila do Bispo). Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1952.

em parte a vasos já publicados anteriormente, e um conjunto apreciável de artefactos de sílex. Foi numa dessas ocasiões que se localizou, a cerca de 2000 m do núcleo dos achados, um grande vaso globular liso, aparentemente não associado a qualquer outro vestígio, recolhido no seio das areias dunares (Figs. 2, 3 e 4).

Em Dezembro do ano seguinte, no decurso de prospecções que continuaram a ser periodicamente efectuadas por O.V. Ferreira, M. Leitão, C.T. North, J. Norton e G. Zbyszewski, foram identificadas várias manchas de areias acinzentadas e um pouco mais consolidadas, com restos malacológicos, sugerindo a existência de lareiras. Esta observação foi confirmada através da realização de uma escavação em torno de uma destas lareiras. Zbyszewski e cola-



FIG. 2 – Local do achado do grande vaso de provisões (ver Fig. 3). Foto de J. Norton.



FIG. 3 – Pormenor do modo de jazida do grande vaso de provisões, no seio das areias dunares (ver Fig. 3). Foto de J. Norton.

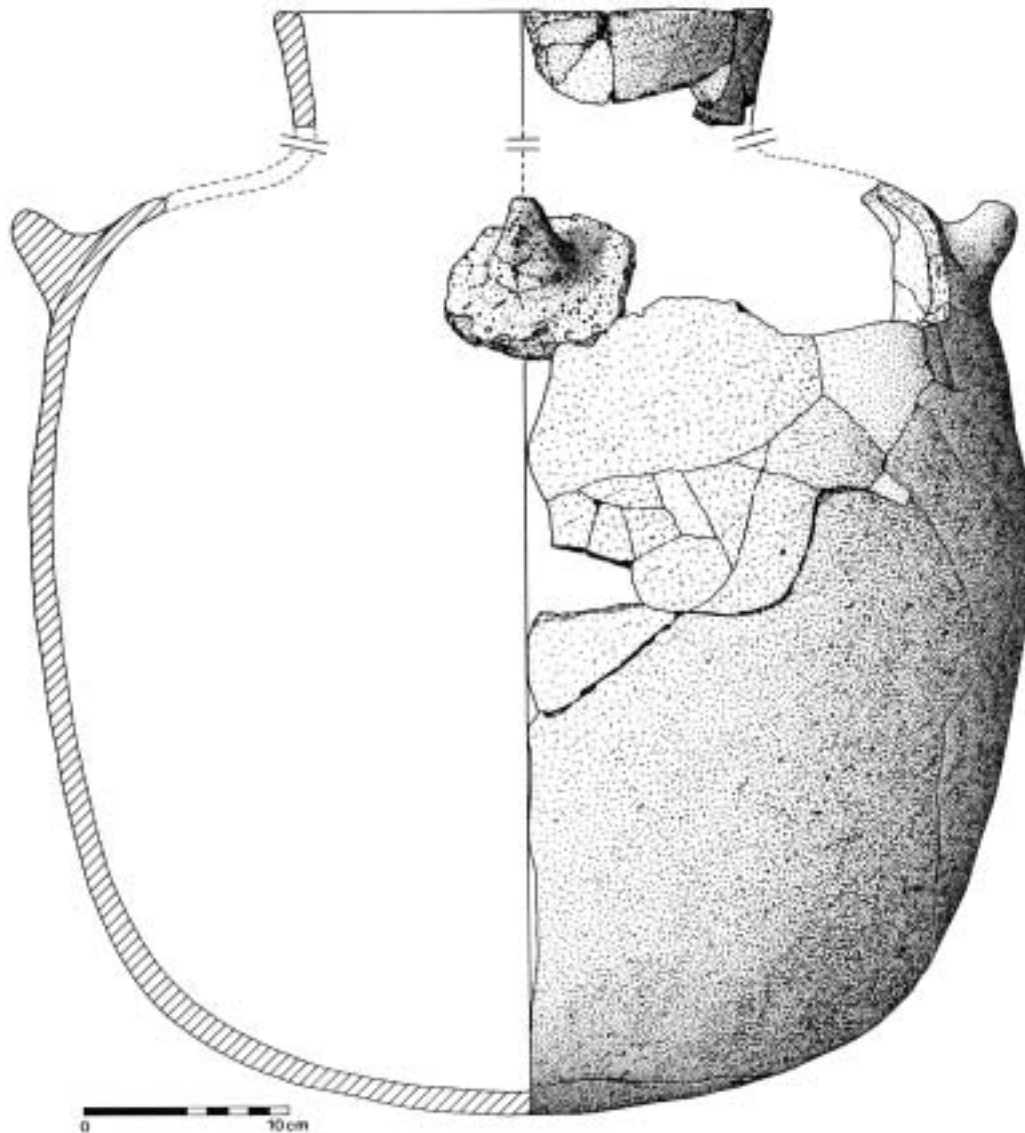


FIG. 4 – Grande vaso liso de corpo globular e colo estrangulado (vaso de provisões), com mamilos na parte superior do bojo e decoração cardial.

boradores publicaram em 1981 a planta da escavação, indicando a localização dos ecofactos e artefactos recolhidos ao nível do solo de ocupação (Zbyszewski et al., 1981). A delimitação precisa da distribuição de materiais de superfície permitiu a identificação de uma área elíptica, com cerca de 150 m de eixo maior. As novas recolhas incluíam outros fragmentos decorados, os quais, somados aos anteriormente reunidos, permitiram a reconstituição de diversos recipientes, mais ou menos completos.

A algumas centenas de metros a Norte da área de maior concentração de vestígios foi recolhido, por J. Norton, um machado mirenses isolado. Jazia no contacto entre as dunas móveis actuais com impregnações calcárias e o substrato geológico local, a que já se fez referência (paleo-solo endurecido avermelhado). Deve concluir-se, por conseguinte, que o machado mirenses é anterior à ocupação do Neolítico antigo incorporada nas dunas e testemunhada pelos materiais e pelas estruturas de combustão ali observadas.

A retoma do estudo deste espólio teve lugar muito mais tarde, em meados da década de 1990. A primeira acção consistiu na obtenção de uma datação de radiocarbono a partir de fragmentos de conchas de *Mytilus* sp. recuperadas durante a escavação da lareira supracitada. O resultado da datação, que prontamente se publicou, confirmou plenamente as propostas anteriores (Cardoso, Carreira e Ferreira, 1996, p. 22). Subsequentemente, procedeu-se à revisão, desenho e estudo sistemático da totalidade do espólio recolhido nos anos 70 (Cardoso, Carvalho e Norton, 1998). Este estudo baseou-se na totalidade do espólio recolhido na estação, que entretanto se tinha disperso; a sua reunião e publicação integral, antecedeu o seu depósito no Museu Nacional de Arqueologia, onde deu entrada em Setembro de 1998, por vontade expressa do principal investigador da estação, o Doutor O. da Veiga Ferreira.

2. Espólio

O espólio recolhido é muito diversificado. Abundam os restos de talhe da pedra e os fragmentos de cerâmica; estão também presentes algumas peças em pedra polida, adornos sobre concha e fauna malacológica e mamalógica.

2.1. Cerâmica

A reconstituição gráfica do material cerâmico permitiu identificar quatro tipos morfológicos principais:

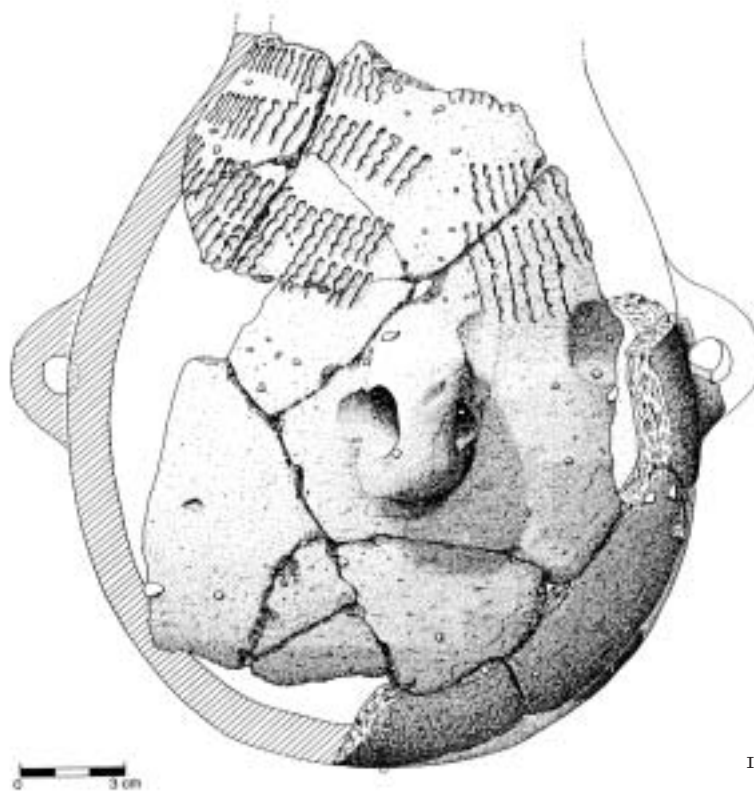
- vasos fechados em forma de saco (Fig. 5, n.º 2);
- vasos em forma de saco com colo estrangulado (Fig. 5, n.º 1);
- vasos abertos de fundo parabolóide (Fig. 6, n.ºs 1 e 2);
- vasos de tendência esférica com colo estrangulado (Fig. 4).

As técnicas decorativas estão representadas por impressões (entre as quais se assinala a presença de cardial), incisões e elementos plásticos de vários tipos.

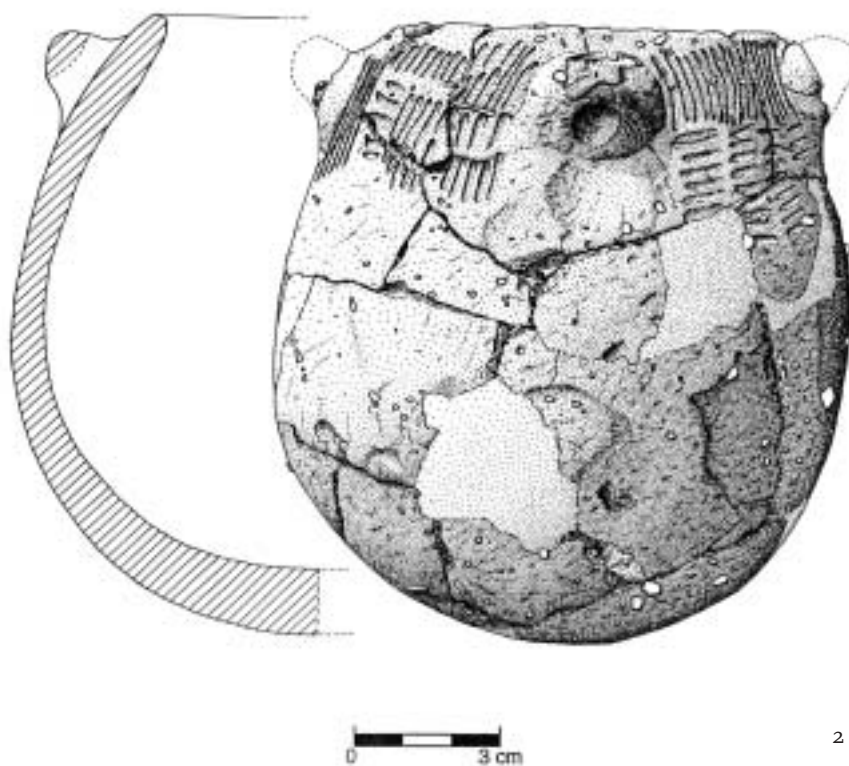
A cerâmica cardial está representada em dois recipientes em forma de saco (Fig. 5, n.ºs 1 e 2), apresentando um deles colo estrangulado. No primeiro (Fig. 5, n.º 2), a decoração organiza-se em métopas paralelas entre si, horizontais ou verticais, organizadas logo abaixo do lábio e na parte superior do bojo, entre pequenas asas de perfuração vertical ali implantadas. O segundo vaso não conserva a parte superior do colo, mas é possível verificar a presença de quatro asas de perfuração horizontal entre as quais se encontram grupos de três bandas de métopas horizontais obtidas através desta técnica (Fig. 5, n.º 1).

Outro tipo de impressões encontra-se num grande vaso aberto de corpo parabolóide com quatro pequenas asas em fita e perfurações troncocónicas (Fig. 6, n.º 2). Tratam-se de pequenas impressões arqueadas, em forma de meia-cana, dispostas em quatro bandas constituídas por nove métopas horizontais entre os elementos de preensão e por uma banda contínua, ao longo da parte inferior do bojo do recipiente, produzido por três métopas idênticas às anteriores.

As cerâmicas com decoração incisa estão muito pouco representadas no espólio da Cabranosa. Um exemplo é a aplicação de sulcos verticais irregulares formando uma banda sob o bordo, que se encontrou num fragmento de recipiente fechado em forma de saco (Fig. 7, n.º 2).

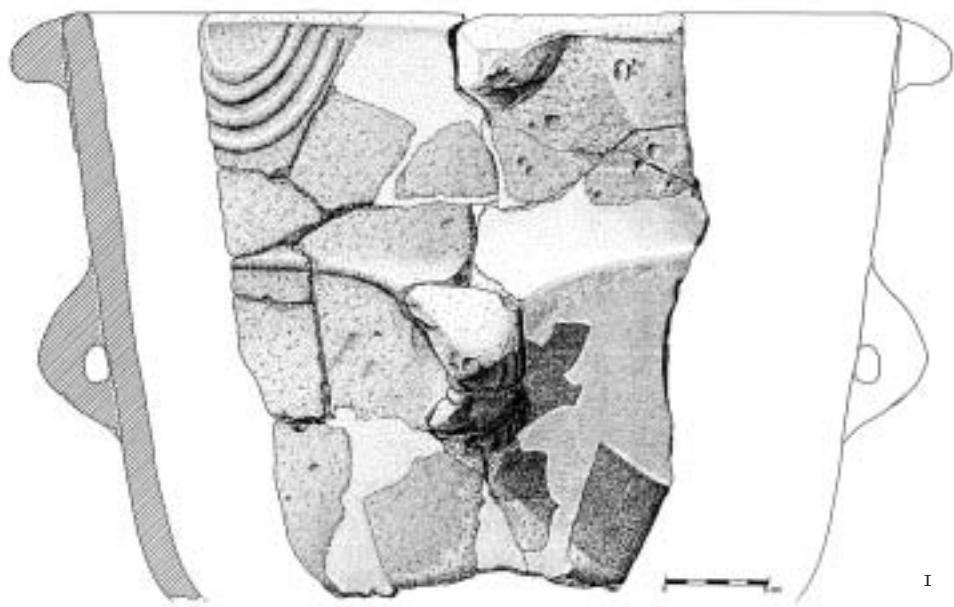


1

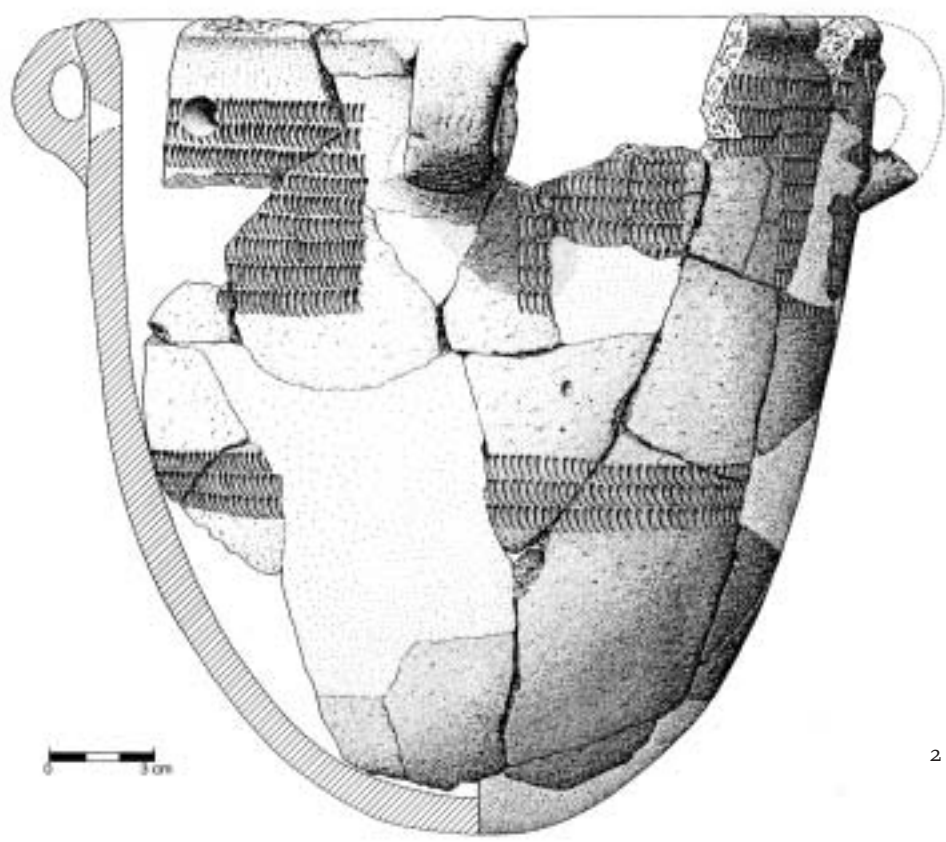


2

FIG. 5 – n.º 1 – Vaso de colo apertado com decoração cardial; n.º 2 – Vaso pequeno em forma de saco com decoração cardial.



I



2

FIG. 6 – n.º 1 – Vaso aberto, de fundo parabolóide, com decoração plástica de cordões e grinaldas; n.º 2 – vaso aberto, de fundo parabolóide, com decoração impressa organizada em métopas.

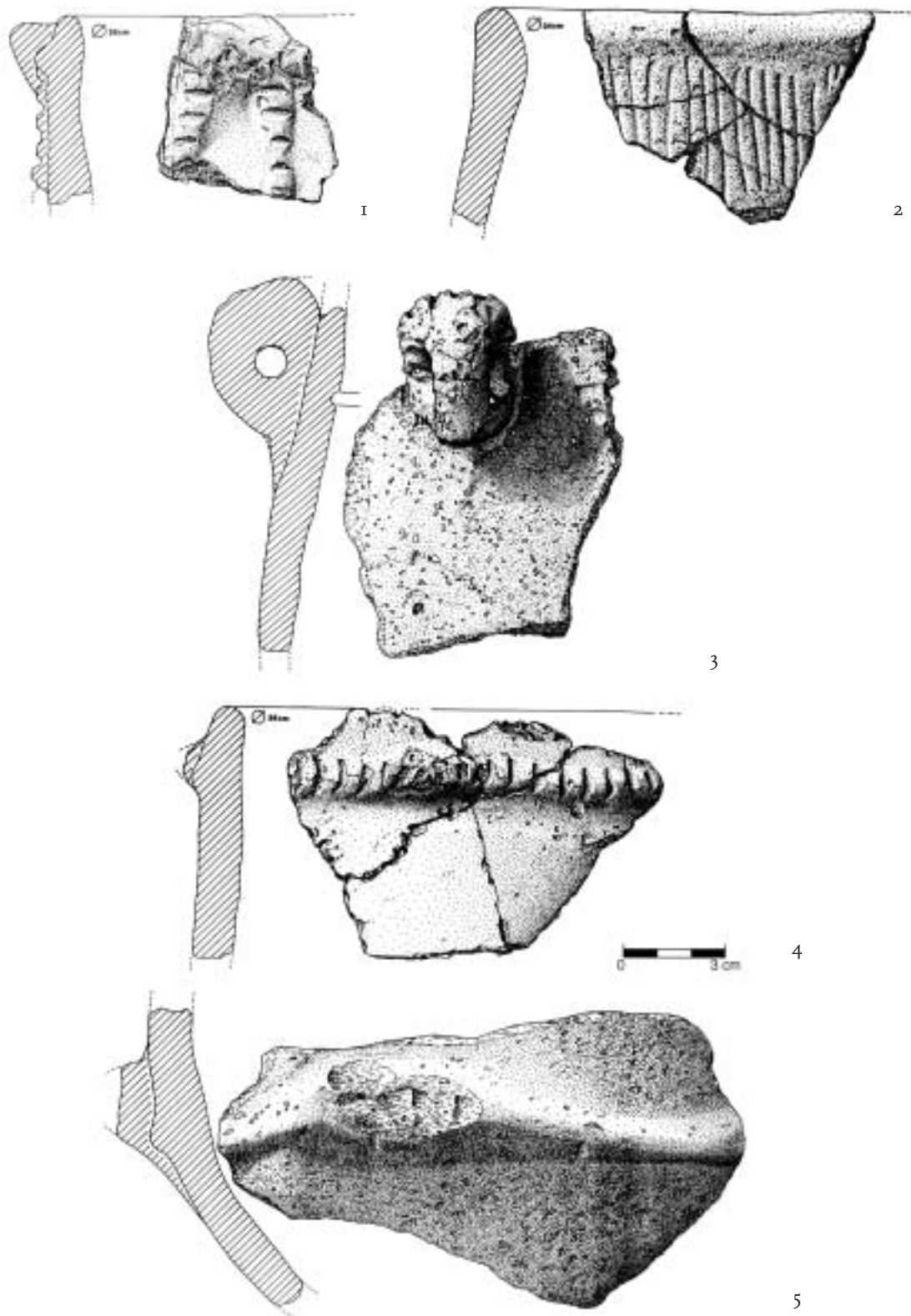


FIG. 7 – n.º 1 – Fragmento de vaso com cordões em relevo segmentados, formando grinaldas partindo de botão sobre o bordo; n.º 2 – Fragmento de vaso em forma de saco com decoração canelada; n.º 3 – Fragmento de vaso com asa perfura horizontalmente, com decoração denteada na parte superior; n.º 4 – Fragmento de vaso de bordo denteado, com cordão em relevo segmentado sob o bordo; n.º 5 – Fragmento de grande vaso com cordão liso, unindo elementos de prensão situados no bojo.

As decorações plásticas consistem em cordões em relevo. No grande recipiente aberto de corpo parabolóide constituem o elemento decorativo de ligação entre as asas e o motivo de tipo grinalda abaixo do bordo (Fig. 6, n.º 1). Os mesmos cordões simples arqueados observaram-se entre as asas de um fragmento de grande vaso de corpo esferoidal (Fig. 7, n.º 5). Em recipientes tendencialmente abertos, encontram-se cordões em relevo interrompidos por impressões, constituindo, tal como anteriormente, elementos de ligação entre mamilos ou botões, situados imediatamente sob o bordo (Fig. 7, n.º 4). Estes cordões podem desenvolver-se na horizontal, acompanhando os bordos dos respectivos recipientes, ou formando grinaldas partindo de mamilos ou botões (Fig. 7, n.º 1).

Impressões do tipo observado nos cordões podem ainda observar-se no bordo de um dos fragmentos (resultando num bordo denteado simples: Fig. 7, n.º 4) e na parte superior de asa de perfuração horizontal (Fig. 7, n.º 3).

Os elementos de preensão consistem, por um lado, em asas de vários tipos e, por outro, em pegas e mamilos. As primeiras apresentam morfologias anelares (de perfuração vertical ou horizontal) e em fita. Observam-se tanto sobre o bojo como partindo do bordo dos recipientes. As pegas e mamilos com carácter predominantemente decorativo corresponderão aos mamilos de menores dimensões que se encontram estreitamente articulados com outros elementos decorativos, ou isolados.

2.2. *Talhe da pedra*

Na Cabranosa, o talhe aplicou-se no sílex, cristal de rocha, quartzo, quartzito e grauvaque. Porém, apenas no sílex se verifica um número elevado de restos de talhe e utensílios, demonstrando ter sido esta a rocha mais frequente e sistematicamente usada durante a ocupação do local (as restantes rochas estão representadas por vezes por peças singulares). A origem da matéria-prima é local, ocorrendo em nódulos dispersos pelos calcários jurássicos existentes nas proximidades.

A análise dos núcleos e material de debitação (Fig. 8) permitiu identificar quatro principais processos de talhe aos quais se recorria sistematicamente para a obtenção da utensilagem desejada, e que se podem descrever sucintamente como segue:

Debitagem aleatória de nódulos brutos ou fragmentos de nódulo

Consiste na extracção de lascas através de levantamentos avulsos, descontínuos, aplicados nas extremidades ou zonas angulosas de nódulos ou fragmentos de nódulo. Os núcleos resultantes deste processo representam 37%. A opção por este tipo de debitação ocorria na experimentação da aptidão dos blocos para talhe, na conformação e preparação de núcleos de outros tipos, e na produção deliberada de lascas para produção de utensílios.

Debitagem de nódulos sem padrão preferencial

Trata-se da produção de lascas através de levantamentos segundo direcções de debitação não recorrentes, mas estendendo-se a uma extensa área do bloco. Os núcleos resultantes deste procedimento apresentam tipologias ovais ou esféricas, e perfazem 22% do total dos núcleos.

Debitagem centrípeta de nódulos ou lascas

Visa a produção de lascas finas e largas através de debitação centrípeta. Os suportes destes núcleos podem ser blocos ou lascas mais ou menos espessas. Somam 14% dos núcleos.

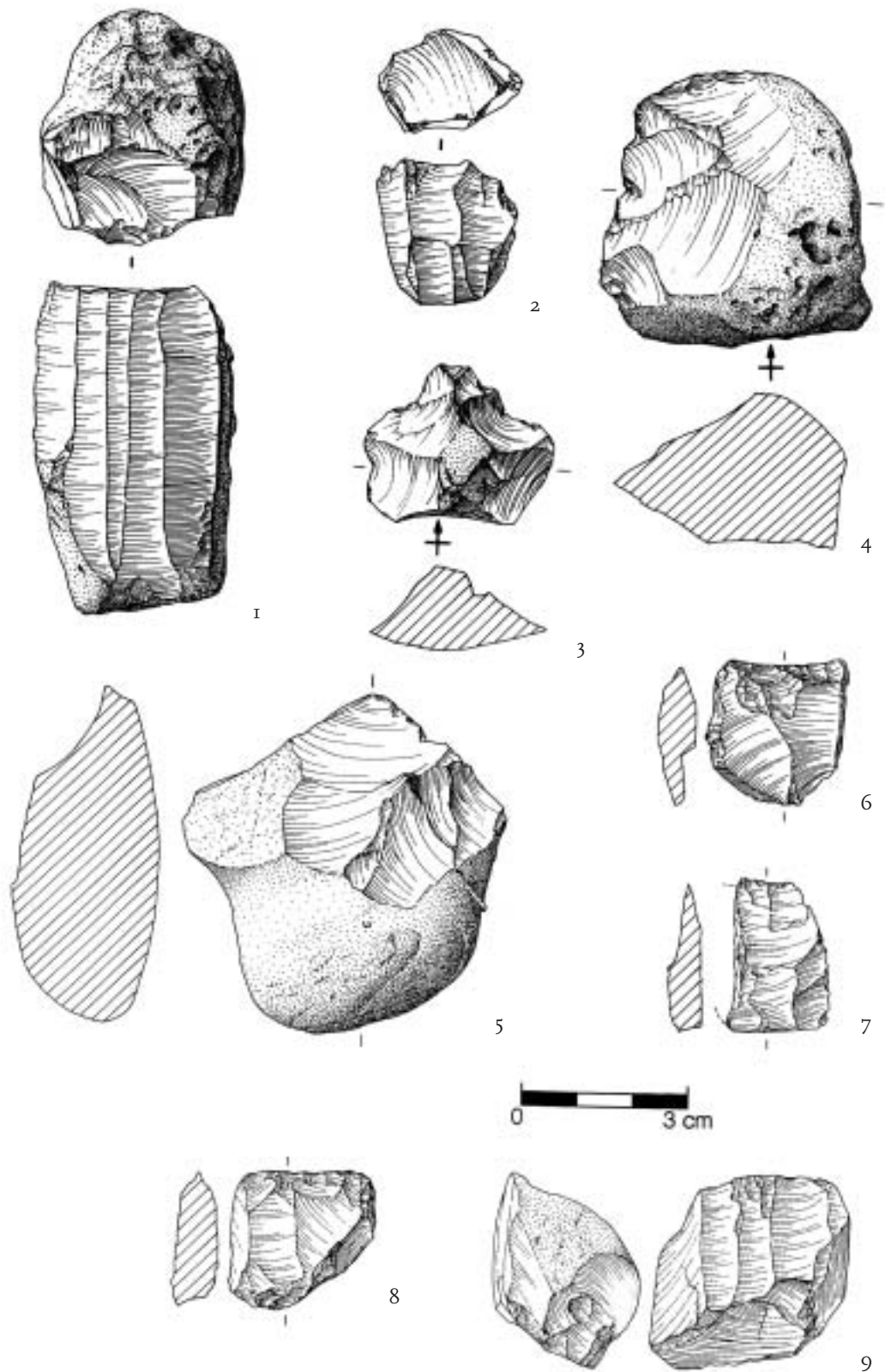


FIG. 8 – Núcleos de sílex: 1 – núcleo prismático para lamelas debitado por pressão (note-se a preparação da plataforma por facetagem e a existência de negativos de lamelas ultrapassadas); 2 – Núcleo prismático para lamelas reaproveitado para debitagem de lascas após a remoção da plataforma original; 3 – Núcleo sobre lasca com levantamentos centrípetos; 4 e 5 – Núcleos debitados; 6 a 8 – Núcleos bipolares; 9 – Núcleo prismático para lamelas.

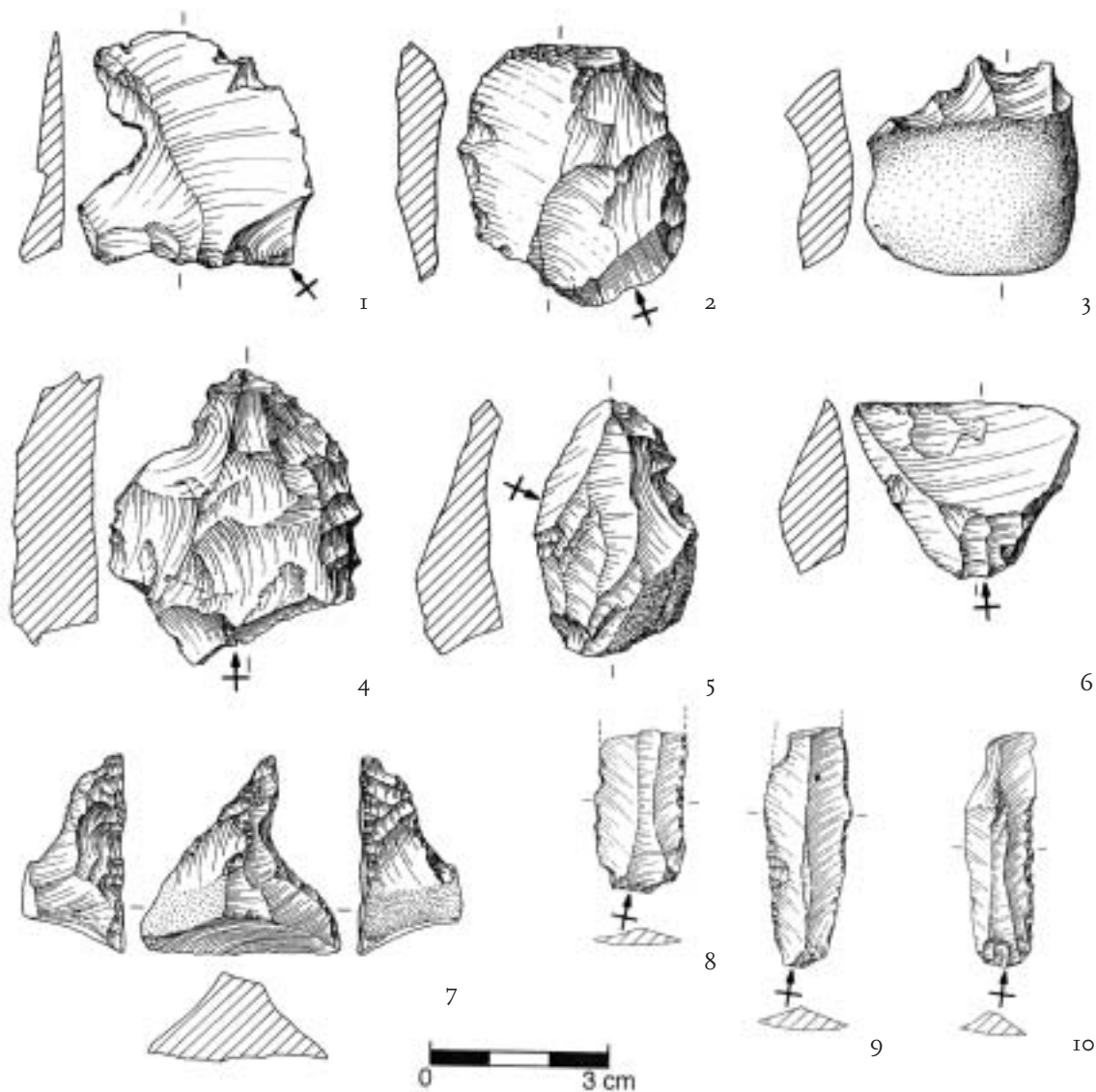


FIG. 9 – Utensílios retocados em sílex: 1 e 5 – Lascas com entalhe; 2 – Lasca de retoques descontínuos; 3 – Denticulado sobre lasca cortical; 4 – Raspador; 6 – Lasca não cortical de silhueta triangular com alguns retoques invasores no gume maior, tendo sido classificada pelos escavadores como “tranchant” ou “flecha transversal”; 7 – Furador sobre lasca; 8 a 10 – Lâminas e lamela de “fase plena de debitage” com retoques contínuos.

Debitagem de volumes prismáticos

É o único tipo de debitage especificamente pré-determinada para a produção de lâminas e lamelas, que se realiza a partir de núcleos prismáticos. Estes núcleos totalizam 21% do total. As lâminas e lamelas resultantes deste método de talhe apresentam morfologias muito regulares e normalizadas (bordos e nervuras paralelas, perfis direitos ou arqueados na parte distal), secções trapezoidais ou triangulares, e talões em regra facetados. De acordo com os ensaios de talhe experimental publicados, pode concluir-se que as técnicas utilizadas seriam a percussão indirecta e/ou a pressão (cf. síntese sistematizada por Gallet, 1998).

Apesar do maior investimento de tempo e energia que constituía a produção de lâminas e lamelas, os suportes maioritariamente utilizados na utensilagem são as lascas com 80%, resumindo-se as lâminas a 11% e as lamelas a 8% (percentagens arredondadas ao inteiro mais próximo). A tipologia dos utensílios retocados, e a sua variação percentual, estrutura-se do seguinte modo (Fig. 9):

Lâminas, lamelas e lascas com retoques curtos ou marginais

Peças com retoque de afilamento e/ou reavivamento dos gumes; embora no caso das lâminas e lamelas este tipo de retoque possa conformar “elementos de foice”, é muito provável que este tipo de peças tenha tido utilizações múltiplas; este grupo de utensílios soma 39%.

Peças com entalhes e denticulados

Utilizam quase em exclusivo lascas como suportes; são o segundo grupo de utensílios melhor representado, com 32%.

Furadores

Oito em nove dos furadores foram produzidos sobre lascas; estes são robustos e parecem ter sido concebidos para perfurar materiais resistentes; representam 12% do total da utensilagem da Cabranosa.

Raspadores

Estas peças, por vezes bastante robustas, são sempre sobre lasca; representam 8% do total dos utensílios.

Truncaturas

Na Cabranosa, as truncaturas apresentam-se sobre extremo de lasca e não em lâminas ou lamelas, como é a regra, o que é uma situação invulgar no Neolítico antigo do Sul de Portugal (Soares, 1995); equivalem a 7% do total dos utensílios.

Peças de retoques invasores

São apenas duas as peças inseríveis neste conjunto (uma lasca e uma lamela), o que se traduz numa percentagem mínima: 3%.

2.3. *Pedra polida*

Durante as prospecções de superfície foram recolhidos três artefactos de pedra polida, classificáveis tipologicamente como sachos. São peças de pequenas dimensões, com 10 cm de comprimento máximo, e secções sub-rectangulares. Estão totalmente ou quase totalmente polidas, por vezes com pátina eólica intensa (Fig. 10, 1-3).

Apresentam gumes em bisel assimétrico, um dos quais de contorno arqueado típico das enxós; mas o embotamento do gume que um dos sachos ostenta (como resultado da sua utilização) torna mais aceitável esta classificação. De facto, a possibilidade de corresponderem a verdadeiras enxós para desbaste de madeiras não é corroborada pelas características do coberto vegetal dunar da área; por outro lado, a natureza arenosa dos solos dispensaria artefactos de cava mais pesados, na agricultura incipiente que era a da época.

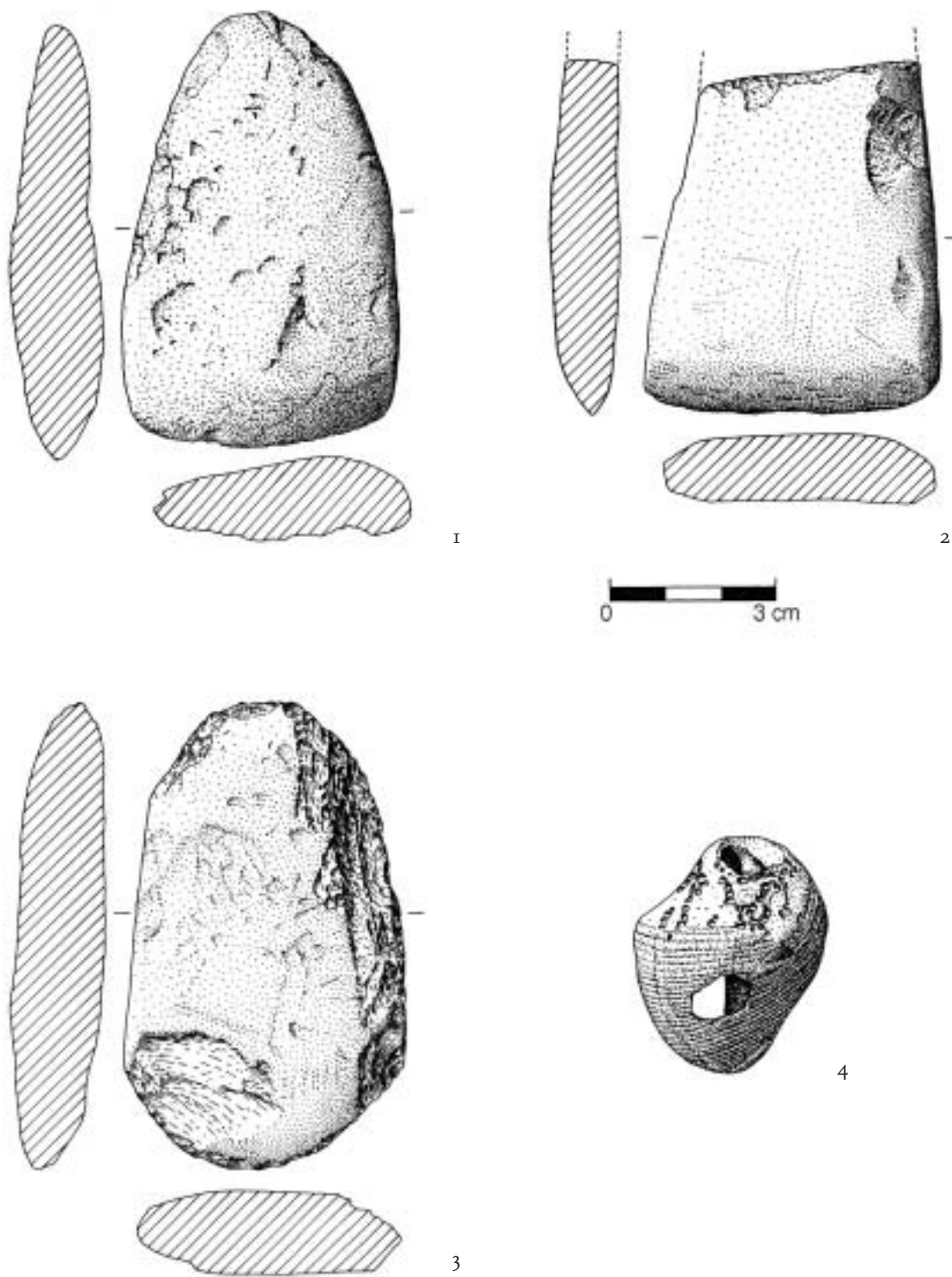


FIG. 10 – 1 a 3 – Artefactos de pedra polida, de rochas locais (grauvaques e xistos siliciosos), utilizados provavelmente como sachos; 4 – Concha de *Thais haemastoma* parcialmente polida e perfurada, para uso como elemento de adorno.

2.4. *Objecto de adorno*

Apesar das referências de Zbyszewski et al. (1981, p. 304) a algumas conchas ou búzios perfurados, apenas um pequeno exemplar de *Thais haemastoma* mostra uma pequena perfuração que permite concluir tratar-se de uma peça de adorno. A sua utilização elemento de adorno é reforçada por polimento parcial da superfície e do bordo (Fig. 10, n.º 4).

As intensas fracturas apresentadas por exemplares de maiores dimensões da mesma espécie, sem quaisquer indícios de afeiçoamento, deverão ser o resultado da técnica utilizada no seu consumo, ou de causas pós-deposicionais.

2.5. *Fauna*

A fauna mamalógica está resumida a uma hemimandíbula de *Capra hircus* ou *Ovis aries* recolhida por C.T. Silva e J. Soares na base de uma lareira posta a descoberto pelas movimentações dunares (que não corresponde à escavada pelos Serviços Geológicos de Portugal), e classificada por D. Geddes (Silva, 1997, p. 577).

A fauna malacológica seguramente associável à ocupação neolítica da Cabranosa (quer na lareira de maiores dimensões escavada em 1976, quer da sua área adjacente) é composta por 55 valvas de *Mytilus* sp., 8 de *Thais haemastoma* e 4 de *Patella* sp. Parte dos restos de *Mytilus* sp. foi destruída para a obtenção de uma datação de radiocarbono.

Em recolhas efectuadas na superfície das dunas, portanto sem que se possa garantir a sua associação aos restos da ocupação pré-histórica, recolheram-se 6 conchas de *Thais haemastoma*, 6 de *Patella* sp., um fragmento de valva de *Glycymeris glycymeris* e 2 de *Pollicipes cornucopia*.

3. Situação geográfica e tipo de ocupação

A Cabranosa localiza-se numa vasta plataforma regular, recortada a poente e a sul por uma escarpa marítima. A plataforma encontra-se entre cerca de 50 e 60 m de altitude. É constituída por dunas móveis, com um coberto vegetal escasso, de tipo arbustivo. A água é escassa e os poucos solos agricultáveis resumem-se a faixas delgadas dispostas ao longo dos cursos de água sazonais que cruzam a área.

A ocupação neolítica escolheu a adjacência de um desses ribeiros temporários, o barranco do Vale Santo, afluente da Ribeira da Cabranosa. A presença dos referidos solos arenosos agricultáveis com recurso apenas a pequenos sachos de pedra terá sido uma das razões para a escolha deste local. A presença do resto de ovino ou caprino, adicionada à evidência anterior, testemunha o domínio de uma economia agro-pastoril. Esta terá sido complementada, especialmente no Verão, pela exploração de recursos marinhos, os quais estão representados pelas valvas de moluscos. A Praia do Belixe, que proporcionaria um fácil acesso à exploração daqueles recursos, está à distância mínima que separa a Cabranosa do oceano (cerca de 2 km a S-SW).

Este conjunto de indícios aponta na direcção de um significativo grau de sedentarização desta comunidade. Este aspecto é, aliás, sugerido por outros indicadores. Assim, o vaso globular de grandes dimensões é destinado sem dúvida a armazenamento, o que é incompatível com elevados índices de mobilidade; a análise macroscópica dos artefactos de pedra lascada indica que se tratam de rochas locais (grauvaques cinzentos de grão médio,

e rochas verde-anegradas, mais finas, talvez xistos siliciosos); e, finalmente, o mesmo se pode concluir a propósito do sílex, na sua maioria recolhido nas margens das ribeiras que cruzam a área da Ponta de Sagres.

A análise das pastas realizada anteriormente (Cardoso, Carvalho e Norton, 1998) permitiu verificar que os recipientes cardiais terão sido fabricados localmente, com recurso a elementos não plásticos disponíveis nas proximidades da estação arqueológica. Inversamente, os restantes apresentam desengordurantes provavelmente originários de areias ou solos do maciço ígneo de Monchique. Esta observação permite concluir que, num primeiro momento, a comunidade instalada na Cabranosa terá produzido cerâmicas a partir de matérias-primas locais, recorrendo à impressão cardial para as decorar. Num momento subsequente, estas cerâmicas terão sido substituídas por outras, de matérias-primas alógenas oriundas de um espaço geográfico mais alargado.

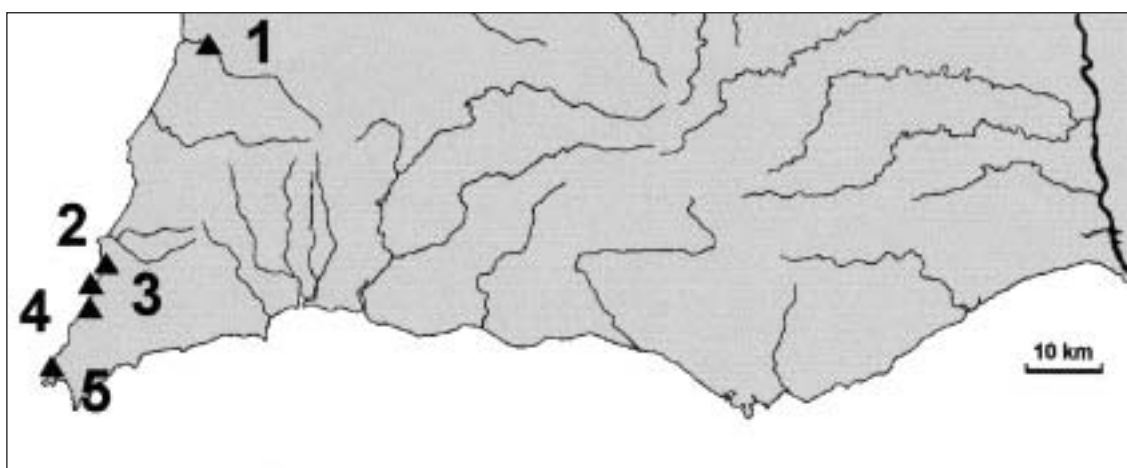


FIG. 11 – Sítios do Mesolítico do Algarve (segundo Gomes e Silva, 1987; Silva e Soares, 1997; Bicho et al., 2000): 1. Montes de Baixo; 2. Praia de Vale Figueira; 3. Barranco das Quebradas I e II; 4. Castelejo; 5. Armação Nova/Rocha das Gaivotas.

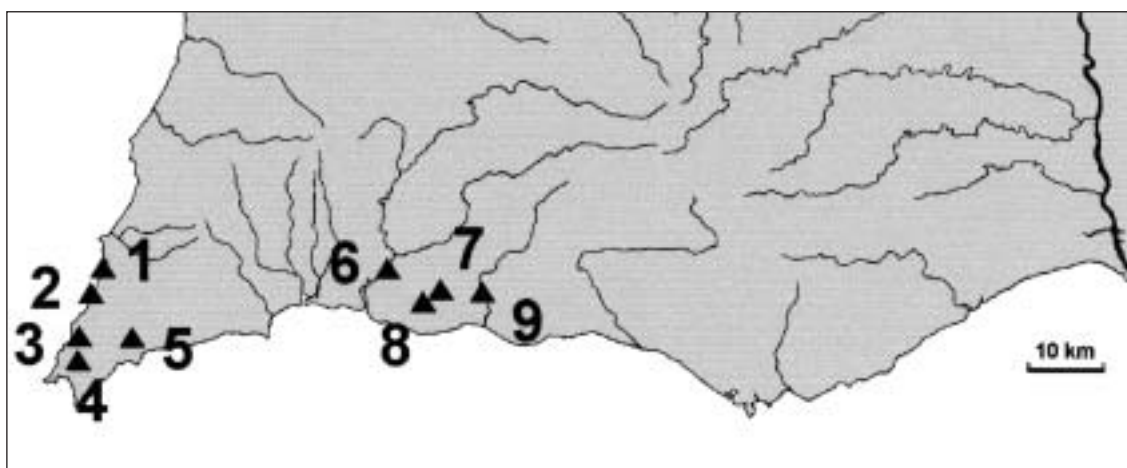


FIG. 12 – Sítios do Neolítico antigo do Algarve (segundo Gomes e Silva, 1987; Gomes, 1997; Gomes, Cardoso e Alves, 1995; Bicho et al., 2000): 1. Barranco das Quebradas I e II; 2. Castelejo; 3. Vale Santo I; 4. Cabranosa; 5. Padrão; 6. Gruta de Ibn Amar; 7. Areias das Almas; 8. Caramujeira; 9. Ribeira de Alcantarilha.

4. Cronologia absoluta e integração cultural

Atribuída ao Neolítico antigo desde a sua descoberta, a datação de conchas de *Mytilus* sp. provenientes da lareira escavada na Cabranosa veio confirmar a sua suposta cronologia: o resultado obtido foi de 6550 ± 70 BP (Sac-1321), após correcção do efeito de reservatório (Cardoso et al., 1996, p. 22), que corresponde a 5611-5393 cal BC (a 1 *sigma*) ou 5621-5369 cal BC (a 2 *sigma*), fazendo uso da curva de calibração de Stuiver e Van der Plicht (1998). A ocupação neolítica da Cabranosa ocorreu, portanto, no terceiro quartel do VI milénio cal BC.

A única jazida algarvia que se pode considerar contemporânea da Cabranosa é Padrão (Vila do Bispo), onde se obtiveram duas datações, também sobre conchas, com a mesma ordem de valores: 6440 ± 60 BP (ICEN-645) e 6570 ± 70 BP (ICEN-873), após correcção do efeito de reservatório (Gomes, 1997). Estas amostras haviam sido recolhidas numa estrutura de combustão integrada num estrato que incluía também fauna doméstica e selvagem, cerâmica e pedra polida, além de adornos e talhe do sílex. Salienta-se o facto de, entre a cerâmica, se contarem também exemplares cardiais.

O grosso das datações absolutas publicadas para o Algarve reporta a contextos mais antigos, que apresentam uma cultura material e uma economia exclusiva de caça-pesca-recollecção. Tratam-se dos seguintes sítios:

Castelejo (Vila do Bispo)

Os seus níveis basal e médio apresentam um conjunto de datações escalonadas ao longo da primeira metade do VII milénio cal BC (Gomes e Silva, 1987; Silva e Soares, 1997); infelizmente, o seu nível superior, atribuído ao Neolítico antigo, não conta com qualquer datação, não podendo ser objecto de comparação directa com a Cabranosa;

Montes de Baixo (Odeceixe)

Os níveis mesolíticos deste concheiro foram datados de finais do VII milénio cal BC (Silva e Soares, 1997), portanto de uma cronologia muito anterior à Cabranosa; Armação Nova / Rocha das Gaivotas (Vila do Bispo) — as várias datações já disponíveis permitem colocar as ocupações mesolíticas deste local na transição do VII para o VI milénio cal BC; no entanto, trata-se de um sítio ainda em curso de estudo e publicação³, pelo que não pode ser plenamente valorizado neste momento.

Recentemente, Bicho e colaboradores publicaram algumas datações para concheiros com cerâmica em Vale Santo I (Vila do Bispo) e Ribeira de Alcantarilha (Silves), que os colocam dois a quatro séculos depois da Cabranosa, ou seja, no final do VI milénio cal BC. Não está ainda verificado se nestes níveis de concheiro existem espécies domésticas. Por outro lado, a cerâmica é de tipo epicardial, pois segundo ao autores apresentam-se “(...) decoradas com cordões e impressões, mas sem vestígios de decoração cardial” (Bicho et al., 2000, p. 14).

O exercício comparativo efectuado anteriormente (Cardoso, Carvalho e Norton, 1998) permitiu concluir que a produção cerâmica da Cabranosa se distingue a vários títulos das do Neolítico antigo do litoral alentejano e da Andaluzia ocidental, assemelhando-se às peças típicas das fases tardias do Neolítico cardial da Andaluzia oriental (Carigüela) e do País Valenciano (Or e Cendres). Os indicadores utilizados foram, em concreto, os seguintes:

- as impressões cardiais estão representadas em metade do conjunto recolhido em escavação, o que significa uma percentagem importante;

- as respectivas formas inserem-se no “Grupo XV” (vasos ovais) da tipologia proposta por Bernabeu (1989) para o *Neolítico IA* da região valenciana;
- as decorações presentes, independentemente da técnica utilizada, não estão restritas a uma faixa junto ao bordo, antes cobrem boa parte ou a totalidade da superfície dos vasos;
- as peças com cordões são cerca de metade do total do conjunto cerâmico, e encontram-se por vezes segmentados, seja por traços incisivos, seja por impressões de pontas biseladas.

5. Diversidade cultural no processo de neolitização do Algarve

O presente capítulo visa apontar algumas questões para as quais os dados da Cabranosa podem trazer alguma contribuição. A cronologia da ocupação tem feito dela um sítio-chave nos principais modelos correntes sobre a neolitização do Algarve. O seu papel neste processo é, no entanto, interpretado de forma diversa:

Segundo Silva e Soares (1987; Silva, 1989; Soares, 1995), a transição para o Neolítico no Sul de Portugal é entendida como um processo de aculturação do substrato mesolítico, e terá tido o seu início em meados do VI milénio cal BC através da aquisição gradual dos elementos neolíticos (cerâmica, pedra polida e economia de produção). Neste contexto, a Cabranosa é interpretada como um acampamento-base atribuível à fase inicial do Neolítico antigo.

Segundo Zilhão (1998), a Cabranosa testemunha, a par do *habitat* de Padrão atrás referido, a existência de um “enclave neolítico” similar ao que o mesmo autor propõe para a Estremadura, resultante da chegada, por volta de meados do VI milénio cal BC, de um efectivo contingente populacional exógeno portador da tecnologia e economia neolíticas. Um dos argumentos na atribuição cultural deste enclave é a presença de cerâmica cardial, a qual está muito mal representada nas restantes regiões do Sul do País.

Um balanço recente da questão, que procurou explorar a comparação da cultura material da Cabranosa e Padrão, por um lado, e dos restantes sítios do Alentejo e Algarve, por outro, debateu-se com algumas limitações importantes (Carvalho, s.d.): os sítios que fazem parte do proposto “enclave neolítico” resumem-se por enquanto a dois, e os rituais funerários — e, conseqüentemente, a antropologia física das respectivas populações e os artefactos votivos — são conhecidos quase somente em contexto mesolítico. O ensaio comparativo pôde apenas debruçar-se, portanto, sobre a evidência paleoeconómica disponível e sobre aspectos tipológicos e tecnológicos das componentes artefactuais. Apesar daquelas limitações, foi possível concluir provisoriamente o seguinte (Carvalho, s.d.):

A natureza da generalidade dos solos da região alentejana não permite, por norma, a preservação de matéria orgânica, contrariamente ao que sucede no Algarve. Contudo, atendendo aos dados ainda assim disponíveis, verifica-se que para esta fase — meados/finais do VI milénio cal BC — não existem até ao momento quaisquer restos de animais domésticos no Alentejo; inversamente, na Cabranosa e no Padrão esse tipo de restos já foi identificado (*Ovis aries* e/ou *Capra hircus* e *Bos taurus*), segundo, respectivamente, Silva (1997) e Gomes (1997).

A tipologia cerâmica destas regiões no período considerado é, de um modo geral, muito semelhante em termos formais e estilísticos. A única excepção é, de facto, o conjunto

proveniente da Cabranosa, que se diferencia dos restantes pelas formas compósitas, pelas decorações em largas zonas da superfície dos vasos, pelas percentagens significativas (para contextos portugueses) de decoração cardial (cerca de um quinto do total), e pela exuberância de alguns motivos plásticos. O próprio sítio de Padrão não apresenta estas características cerâmicas (a cerâmica cardial é diminuta), apesar de incluído por Zilhão (1998) no “enclave neolítico”.

Conquanto as análises aprofundadas das indústrias de pedra lascada meso e neolíticas já publicadas sejam escassas, foi possível verificar que as indústrias alentejanas e algarvias são ambas de base lamelar e apresentam módulos de talhe equivalentes. Porém, nos sítios algarvios está presente o tratamento térmico, o recurso ao talhe por pressão e/ou percussão indirecta, e as armaduras representam percentagens ínfimas do total dos utensílios retocados (estes dados podem observar-se na Cabranosa, Padrão ou Caramujeira). Estas características assinalam, com efeito, importantes diferenças entre os sistemas técnicos de talhe da pedra do Algarve e do Alentejo na passagem do Mesolítico para o Neolítico.

As observações anteriores indicam como provável a existência nesta fase de duas comunidades distintas no Sul de Portugal: uma mesolítica, estabelecida há muito em ecossistemas litorais e ribeirinhos, praticante de uma economia de caça-pesca-recolocção; outra neolítica, estabelecida na faixa litoral do Algarve, praticante de uma economia de produção (pelo menos a pastorícia) em articulação com a exploração de recursos selvagens, e portadora de uma cultura material diversa. Como é óbvio, e dadas as limitações que se têm vindo a referir, a definição daqueles dois grupos está longe de se poder considerar definitiva. Por outro lado, a existência de interacção entre ambos é um facto bem estabelecido, estando por definir em bases sólidas a cronologia de início deste processo: se em meados do VI milénio cal BC (se se considerarem os dados de Vale Pincel ou Medo Tojeiro), ou se apenas a partir do início do V milénio cal BC (a aceitar-se somente os dados do concheiro de Amoreiras).

Convém salientar ainda a possibilidade de a neolitização das regiões do Alentejo poder ter-se processado a partir de “influências neolíticas”, chegadas através do Guadiana e com origem na Extremadura e na Andaluzia ocidental, como proposto por Diniz (1996). Todavia, a ausência de contextos meso e neolíticos bem definidos e datados, tanto de uma como de outra margem do Guadiana, obriga a que se aguarde a publicação, por exemplo, dos sítios actualmente em curso de estudo no âmbito do *Plano de Minimização* da construção da barragem de Alqueva, para definitiva avaliação desta hipótese.

Um dos aspectos mais característicos do Neolítico do Algarve é os inúmeros menires, isolados ou agrupados em cromeleques, normalmente atribuídos ao Neolítico médio e final e correlacionados com o desenvolvimento do Megalitismo. No entanto, alguns autores têm vindo a propor cronologias do Neolítico antigo para a erecção dos primeiros menires e cromeleques (p. ex., Calado, 1997; Gomes, 1994, 1997). Estas propostas, que não se circunscrevem ao Barlavento algarvio, têm-se baseado nos seguintes principais indicadores: (1) a recorrente associação espacial entre *habitats* daquela época e menires (principalmente Padrão, Areias das Almas e Caramujeira, no caso do Algarve); (2) a “estratigrafia figurativa” de algumas gravuras presentes nos menires; (3) a reutilização de menires em monumentos funerários megalíticos (concretamente, nos casos da Granja de S. Pedro, Vale de Rodrigo e Pedra Escorregadia), o que fornece uma idade mínima aos primeiros; (4) o achado de menires em contexto estratigráfico fechado atribuível ao Neolítico antigo; e (5) a datação de matéria orgânica no fundo dos alvéolos de implantação dos menires.

Não se pretende discutir aqui o alcance e as limitações das metodologias e das conclusões apontadas. Todavia, é importante assinalar desde já duas observações — na Cabranosa não se conhecem menires partilhando o espaço da ocupação neolítica e, por outro lado,

os únicos daqueles indicadores que já forneceram efectivas cronologias para o Megalitismo menírico apontam para o Neolítico antigo evoluído. Este é, com efeito, o caso do menir da Meada, em Castelo de Vide, onde carvões recolhidos naquelas condições contextuais foram datados de 6022 ± 40 BP (UtC-4452) (Oliveira, 2000); e da “camada 3” do habitat da Caramujeira, que encerrava um menir e se encontrava “selada” por uma ocupação do Neolítico final (Gomes, Monteiro e Serrão, 1978; Gomes, 1997).

De qualquer modo, a confirmarem-se futuramente estas propostas, o entendimento da neolitização do Barlavento algarvio deverá ultrapassar a análise das transformações económicas e tecnológicas. De facto, dispor-se-á então de bases para abordar directamente aspectos do domínio mágico-simbólico e, correlativamente, da própria emergência do Megalitismo no Sul de Portugal.

NOTAS

- ¹ Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve
- ² Universidade Aberta • Academia Portuguesa da História e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO)
- ³ A dupla designação do cado (Bicho et al., 2000), e por J. Soares no Colóquio *O Mesolítico no Território Português* (Salvaterra de Magos, Dezembro de 1999), em comunicação intitulada “Os caçadores-recolectores holocénicos na Costa Sudoeste”.

BIBLIOGRAFIA

- BERNABEU, J. (1989) - *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Península Ibérica*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica. (Série de Trabajos Varios, 86).
- BICHO, N. F.; LINDLY, J.; STINER, M.; FERRING, C. R. (2000) - O processo de neolitização na Costa Sudoeste. In *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, III. Porto: ADECAP, p. 11-20.
- CALADO, M. (1997) - *Cromlechs alentejanos e arte megalítica*. In *III Coloquio Internacional de Arte Megalítica*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico (*Brigantium*; 10), p. 289-298
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. da V. (1996) - Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A.F.; NORTON, J. (s.d.) - A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português*; no prelo.
- CARVALHO, A.F. (s.d.). - Current perspectives on the transition from the Mesolithic to the Neolithic in Portugal. In *Neolithic Landscapes of the Mediterranean*. Valência: Universitat (*Saguntum Extra*); no prelo.
- DINIZ, M. (1996) - A neolitização no Interior/Sul de Portugal: uma proposta alternativa. In *I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*, 2. Gavà: Museu de Gavà (*Rubricatum*; 1), p. 683-688.
- FERREIRA, O. da V. (1970) - A estação com cerâmica cardial da Ponta de Sagres, Algarve. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX. 2, p. 347-359.
- FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M. (1981) - *Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Lisboa: Europa-América.
- GALLET, M. (1998) - *Pour une technologie des débitages laminaires préhistoriques. Caractérisation des modalités d'obtention des ensembles laminaires par l'analyse morphologique*. Paris: CNRS (Dossier de Documentation Archéologique; 19).
- GOMES, M.V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão. In *Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal”*. Viseu: CEPHBA (Estudos Pré-Históricos; 2), p. 317-342.
- GOMES, M.V. (1997) - Megalitismo do Barlavento Algarvio: breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M.V.; CARDOSO, J.L.; ALVES, F.J.S. (1995) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal.

- GOMES, M.V.; SILVA, C.T. (1987) - *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Delegação Regional do Sul/Secretaria de Estado da Cultura.
- GOMES, M.V.; MONTEIRO, J.P.; SERRÃO, E.C. (1978) - A estação pré-histórica da Caramujeira. *Trabalhos de 1975-76. In III Jornadas Arqueológicas*, I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 33-72.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O.V. (1970) - Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67:1, p. 304-322.
- OLIVEIRA, J. (2000) - O Megalitismo de xisto da Bacia do Sever (Montalvão – Cedillo). In GONÇALVES, V. S., ed. - *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA (Trabalhos de Arqueologia; 16), p. 135-158.
- SILVA, C. T. da (1997) - O Neolítico antigo e a origem do Megalitismo no Sul de Portugal. In RODRÍGUEZ, A., ed. - *O Neolítico atlântico e as orixes do Megalitismo*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 575-585.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1987) - Les communautés du Néolithique ancien dans le Sud du Portugal. In GUILAINE, J.; COURTIN, J.; ROUDIL, J. L.; VERNET, J. L. eds. - *Premières Communautés Paysannes en Méditerranée Occidentale*. Paris: CNRS, p. 663-671.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1997) - Economias costeiras na Pré-História do Sudoeste português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 69-108.
- SOARES, J. (1995) - Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2, p. 27-45.
- STUIVER, M.; VAN DER PLICHT, J. (1998) - Radiocarbon calibration program 1998; Ver. 3.0. *Radiocarbon*. London. 40:3. Special Calibration Issue – INTCAL 98.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O.V.; LEITÃO, M.; NORTH, C.T.; NORTON, J. (1981) - Nouvelles données sur le Néolithique ancien de la station à céramique cardiale de Sagres, Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 67:2, p. 301-311.
- ZILHÃO, J. (1998) - A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 27-44.